



Nossa Etnomatemática é a matemática do olhar:

Práticas de produção dos
artesanatos Pataxó

Estéfani Cecílio dos Santos
Belo Horizonte - 2022

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas
(Habilitação em Matemática)

ESTÉFANI CECÍLIO DOS SANTOS

Nossa Etnomatemática é a matemática do olhar: práticas de produção de artesanato Pataxó

Percurso apresentado ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática.


Orientador: Prof.º Dr. Filipe Santos Fernandes

Co-Orientador: Prof.º Ms. Eric Machado Paulucci

Belo Horizonte - MG

2022

Ao meu povo Pataxó e à todos os povos indígenas do mundo. Dedico à juventude indígena que são o futuro de agora, semeadores dos saberes do povo Pataxó na terra.



Agradecimentos



Primeiramente, gratidão a *Niamissu*, que me permitiu chegar até aqui. Foi *Niamissu* que me deu forças no momento de indecisão, me deu luz para colher o conhecimento ancestral e me deu sabedoria para compartilhar com meu povo. Agradeço a minha comunidade, em especial a Aldeia Muã Minatxi, ao meu Povo Pataxó. Agradeço ao diretor, Siwê Pataxoop pela confiança e motivação para me escrever no curso FIEI. Minha gratidão aos meus familiares da Aldeia Muã Mimatxi e Aldeia Mãe Barra Velha, em especial, ao meu irmão Shawanawá e ao meu primo Cosme. Meu muito obrigada aos colegas Uiliam e Franciane, em especial ao meu amigo José Henrique. Para finalizar, agradeço aos professores, bolsistas, direção do curso do curso FIEI, pelos conhecimentos compartilhado e companheirismo. Nessa reta final agradeço ao meu coorientador Eric, pelo companheirismo, dedicação e pela edição artística do texto. E pra finalizar, gratidão ao curso FIEI, que me propôs conhecer outras etnias, outros lugares, trocas de aprendizagens e ter me aproximado da minha família na aldeia Mãe Barra Velha através dos intermódulos. Sou muito grata por ter feito parte do FIEI. Gratidão a tudo e todos.

Awery Tupã.

Resumo

Esta é uma pesquisa com o intuito de ressaltar a importância do artesanato para o fortalecimento cultural e identidade do povo Pataxó. Através desta escrita abordo as matemáticas envolvidas na produção dos artesanatos, entrelaçando as narrativas de outros indígenas Pataxó. Conto como minha história de vida, em diferentes lugares, com a experiência com a escola indígena, me levam a esta pesquisa. Nos capítulos, mostro a construção da aldeia Muã Mimatxi, a importância do artesanato na minha vida, o conhecimento que adquiri com essa arte, tão rica em história e o vínculo que ele mantém com a natureza. Para isso reúno fotos, realizo entrevistas e um trabalho de campo que se aproxima da escola como espaço para semear os saberes Pataxó, usados na produção do artesanato.

Palavras-chave: Artesanato; Povo Pataxó; Aldeia Muã Mimatxi; Educação Indígena; Etnomatemática.

Lista de siglas e abreviações

Bahia - BA	FUNAI - Fundação Nacional do Índio
Coronavirus disease 2019 - COVID-19	SESAI - Saúde Indígena
Educação de Jovens e Adultos - EJA	MG – Minas Gerais
Faculdade de Educação - FaE	SPU - Serviço de Patrimônio da União
Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI	UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

Sumário

09

1. Memorial

Minha vida na escola,
Minha vida na faculdade,
Minha vida na pandemia.

20

2. Minha vida e o artesanato

26

3. Meu povo Pataxó

Aldeia Muã
Mimatxi.

32

4. Aprendi com meu povo, aprendi com a semente:

a produção do Artesanato Pataxó;
O melhor jeito de aprender é praticando:
Nossa matemática cultural.

61

6. O fim de uma pesquisa/oficina

que continua nos
artesanatos Pataxó.

48

5. Oficina:

Tornada Pedagógica + Produção
de artesanato Pataxó;
Aldeia Indígena Bom Jesus;
Diário de campo.

64

7. Referências



Capítulo 1:

Memorial

Meu nome é Estéfani Cecílio dos Santos, nasci no dia 08 de Janeiro de 1999, filha de Sarah dos Santos Braz e Juarez Cecílio Damaceno. Irmã mais velha de quatro irmãos, duas meninas e dois meninos. Sou indígena da etnia Pataxó – Krenak, uma miscigenação de dois povos. Nasci em uma cidade que se chama Carmésia (MG), localizada perto da aldeia Retirinho da etnia Pataxó, onde morei até meus oito anos de idade. Atualmente moro na aldeia Muã Mimatxi que fica localizada no município de Itapeçerica (MG).

Na aldeia Retirinho, me recordo de muitos momentos que ali vivi com minha mãe, minha avó, meus irmãos, meus primos e tios. Apesar de ter vivido pouco tempo na aldeia, tenho lembranças das brincadeiras de crianças, dos momentos de rituais, dos lugares da aldeia. Lembro das paisagens montanhosas, dos muitos pés de frutas que tinham pela aldeia,

pés de mangas, jabuticaba e goiaba. Um dos lugares da aldeia que gostava de ir era no terreirão (espaço sagrado para os rituais, os *awes*¹ e confraternizações), ambiente onde havia uma piscina natural, muito visitada pelas crianças, acompanhada dos jovens, para brincar e se refrescar.

Como sempre fui grudada com minha avó, também carreguei comigo os dias em que a acompanhei no cultivo de sua grande e fresca hortinha, enquanto eu brincava de comidinha com as folhas das suas plantas. Foi com ela que aprendi a cuidar das plantas e a mexer com a terra.

A casa da minha avó sempre foi movimentada pelos netos. Lá, eu e meus primos crescemos juntos e, apesar de termos seguido caminhos diferentes na vida, até nos tempos de hoje mantemos essa união. Foi com meus primos que vivi uma infância brincando de cozinhandinho, esconde-esconde e de casinha pelos espaços da aldeia Retirinho e pela mata.

No ano de 2006 houve uma mudança. Minha família, meu grupo familiar mais próximo, juntamente com meus outros parentes², resolveram se mudar para um novo lugar, formando

¹ Quando realizamos nossos cantos sagrados e nossas danças.

² São outros grupos indígenas, que mesmo sendo de outra etnia, recebem o vínculo de parente.

uma nova aldeia. Eu não entendia o porque da mudança, mas minha família dizia que seria melhor para nós um novo lar para viver bem. Hoje entendo que precisávamos de um novo lar para nos conectar e trabalhar em harmonia com a comunidade e com a natureza. Me animei muito com a mudança e, no dia 16 de março de 2006 nos mudamos para nossa aldeia com o nome *Muã Mimatxi*, que significa “Moita de mata”.

Assim que chegamos em *Muã Mimatxi* sabíamos que muitos desafios estavam por vir. A terra estava abandonada, com entulhos de lixo, gado no campo e posseiros usufruindo da mata e da terra. Foi uma grande luta para conquistar o que temos hoje, pois não tínhamos casas, água encanada, nem assistência sanitária. Quando chegamos, fomos recepcionados por pessoas que moravam na cidadezinha perto da aldeia. Era um dia chuvoso e, ainda sem casas, algumas famílias tiveram que morar em barracas de lonas. Naquele momento de recomeço, restou para eu e minha

família, morar em um casarão abandonado que, sem condições de moradia, molhava tudo com a chuva.

Não demorou até que as pessoas da redondeza ficaram sabendo da nossa aldeia e começamos a ser convidados para nos apresentar em escolas. Em eventos como esses, de apresentação dos nossos rituais de cantos e contando a história do nosso povo, as famílias indígenas fizeram do artesanato a fonte de renda daquele momento.

Com o tempo, nosso povo começou a se estabelecer no território. Mesmo sem apoio algum, sem escola, merenda ou materiais didáticos, nossos professores encararam o desafio de voltar às atividades escolares. Atualmente, graças a *Niamissu* (Deus), temos na aldeia uma escola, com educação diferenciada, temos uma equipe de saúde indígena (SESAI) e uma terra sadia. Vivemos em harmonia com a natureza, rodeados de pés de frutas, animais e uma terra boa para plantio em nosso território.

Minha vida na escola

Assim como a maioria das crianças da comunidade, cresci no ambiente escolar. Minha mãe era professora na escola Bakumuxa, na aldeia Retirinho, e quando ia trabalhar eu a acompanhava. Era uma grande diversão estar neste espaço aproveitado por mim para merendar e brincar com as outras crianças.

Comecei a estudar no prézinho, aos quatro anos de idade, quando aprendi o alfabeto cantando e desenvolvi um amor por desenhar paisagens e animais. As aulas envolviam nossas crenças e trabalhos em campo, como por exemplo, a preparação de rituais. Nesses momentos, todas as crianças trabalhavam, isto é, brincavam e observavam as atividades que as mulheres e homens faziam, o que para nós significa ajudar e aprender em comunidade.

No ano de 2006, com a mudança para a aldeia Muã Mimatxi, enfrentamos alguns desafios na educação.

Entretanto, ter vivido toda aquela luta pela nossa escola e educação diferenciada, nos tornou mais fortes e resistentes na luta. Naquele tempo não tinha escola, não tinha cadeira, os professores traziam mesas de suas casas e na falta de quadros, escreviam no caderno para nos ensinar. Quando chovia, corríamos para a casa mais perto e esperávamos a chuva passar. Mas com muita dedicação, conseguimos aprender, apesar das dificuldades. Os nossos professores eram nossos tios, tias e primos que ainda estavam concluindo o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como não tinha merenda no recreio, nós íamos para casa comer alguma coisa e depois retornávamos à escola. Nesse intervalo, eu gostava muito de ir para casa da minha avó, tomar café e brincar com meus colegas. As brincadeiras aconteciam a todo momento, todas as manhãs, antes de começar as aulas, nossos professores nos deixavam brincar de lobisomem, pega-pega, jogo da fruta, bandeirinha e etc.

Em 2010 a escola foi construída, mas mantivemos a prática de estudar debaixo dos pés de mangas e angicos do centro da aldeia. Como não havia espaço para todos os

estudantes dentro da sala de aula, nós, adolescentes, preferíamos estudar olhando a natureza em nossa volta. Principalmente no inverno, os professores nos deixavam estudar fora da sala de aula para tomar um banho de sol. Eu me sentia livre.

Nossa escola, tem um currículo diferenciado, envolvendo dois tipos de conhecimentos: o indígena e o não indígena. Consideramos importante esse diálogo entre diferentes entendimentos de educação para nossa formação e nosso trânsito entre espaços por onde decidirmos habitar. Por um lado, tínhamos aulas que envolviam aprender a ler, escrever e as matérias como: Português, Matemática, Ciências, Geografia, etc. Por outro, compartilhávamos momentos muito ricos em educação e conhecimento cultural do povo Pataxó.

As aulas interculturais de Grupão era uma das atividades que mais chamavam minha atenção. Todas as turmas se juntavam e aprendíamos muito sobre nossa cultura, nosso modo de vida, oficinas de artesanatos ou sobre o espaço da aldeia. Eram convidados os anciões para contar histórias, contos, aprendizados de como fazer armadilha para pegar

caças, o plantio de hortas Pataxó, (uma horta com variações de legumes, plantas medicinais e pés de frutas), simpatias para fazer plantios, remédios e rezas.

Outra atividade na aula de grupão era fazer a limpeza dos espaços da nossa comunidade, onde todos se juntavam para capinar os redores da escola e o terreirão. As mulheres varriam, os homens capinavam, enquanto as crianças ajudavam brincando, observando e aprendendo com os mais velhos como fazer a limpeza no ambiente escolar e de ritual. Apreendi muito sobre a minha identidade, costumes e cultura, e isso me trouxe força e sabedoria para vida.

Nessas aulas tinham também as oficinas de artesanatos. Neste momento, aprendíamos a produzir artesanatos, sua história e a importância na vida do povo Pataxó. Essas aulas eram lecionadas por membros mais velhos da comunidade, passando conhecimento ancestral para a nova geração, dando continuidade aos nossos costumes e tradições culturais do povo.

O *Ritual das Águas*, o Ritual “*fechamento das Águas*” e os *Jogos Familiares* são alguns dos eventos da minha aldeia e para cada um deles, temos que ter uma preparação no espaço,

na natureza e nas nossas próprias vidas. Em função disso, o calendário da nossa escola sempre esteve ligado às práticas da aldeia, exigindo então, o envolvimento das aulas e dos membros da comunidade.

O *Ritual das Águas* é a cerimônia que acontece no dia cinco de outubro. Celebramos a passagem do ano novo para meu povo e a renovação da natureza. Agradecemos os espíritos da natureza *Mimatxitxuhi* (Pai da Mata) pela fartura, pela saúde, paz e harmonia que vivemos na aldeia a cada ano.

Em março, festejamos o ritual de *Fechamentos das Águas* juntamente com os *Jogos Familiares*. Os *Jogos Familiares* reúne todas as famílias Pataxó para jogar, brincar e se divertir durante as disputas. As famílias que fizerem mais pontos ganham os jogos e àquelas que perderem, fazem um almoço para toda a comunidade. Os jogos foram criados com o intuito de não dividir as pessoas entre ganhadores e perdedores, mas para divertir e reunir as famílias Pataxó. Uma das melhores partes dos jogos é o almoço que acaba sempre sendo feito no terreirão pela minha família.

Em 2013, com quatorze anos, me formei no Ensino Fundamental na escola da Aldeia Muã Mimatxi. No ano de

2014, fui estudar o Ensino Médio em uma escola não indígena, localizada em um vilarejo urbano de Itapecerica. Na Escola Estadual Lamounier Godofredo, vivi alguns anos que não me trouxeram tanta empolgação, não em razão da dificuldade para aprender, mas pelo convívio com os colegas. Como sempre estudei com turmas reduzidas, nunca imaginei frequentar uma sala de aula com uma média de 22 alunos, isso me assustou muito.

Aquele ano foi muito complicado para mim, fiquei muito doente, tive uma pneumonia muito forte que me deixou internada várias vezes no ano. Pensei até que ia reprovar na escola, então isso também atrasou muito meu conhecimento e convívio com meus colegas, que não pude conhecer direito no primeiro ano. Já no segundo ano, meus colegas puderam me conhecer mais e acostumar com meu jeito mais reservada. Fiz amizades, nunca fui uma aluna de fazer bagunças e isso incomodava muito meus colegas, mas depois se acostumaram com meu jeitinho reservado, sempre prestativa e participativa nas atividades da escola.

Os três anos estudando fora da aldeia foram uma experiência muito boa para meu desenvolvimento, me trouxe

muito conhecimento para vida, me ensinou a ter força, orgulho da minha cultura e ancestralidade indígena. Aprendi a contar a história do meu povo, a não deixar que fizessem piadas bobas com minha cultura, a amar cada traço indígena em mim e ter orgulho sempre das minhas origens Pataxó e Krenak.

Os dias atuais são diferentes dos que já passaram, dessa forma, é importante que nosso povo saiba ler, escrever, que conheça as ciências do outro, aprenda a mexer com as tecnologias, com o objetivo de usar todo esse conhecimento como ferramenta ao nosso favor, inclusive para registrar e não perder nosso conhecimento tradicional. Preservamos nossas práticas e nos aproximamos do que antes não conhecíamos. No processo entre um mundo e outro, enchemos nossas bagagens de bons frutos e retornamos para a aldeia natal com um conjunto de vivências para compartilhar coletivamente. Em realidade, quando eu saí da aldeia para estudar fora, eu nunca estive só, levei comigo a história do meu povo, da nossa origem e o orgulho de representar as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar.

O contrário acontece da mesma forma, eu também pude contribuir nas trocas: os não-indígenas aprenderam outra

história sobre nós povos originários, sobre o nosso povo, a nossa língua e como vivemos nos tempos de hoje. Esses encontros fortaleceram a nossa relação com o mundo de fora da aldeia, preparando as nossas crianças e jovens para conhecer o mundo do outro, respeitando a ele e a si próprio.

Me formei em 2016. Decidi que queria dar um tempo nos estudos porque não tinha certeza da área que queria estudar. Já havia trabalhado como cuidadora de crianças, aos meus 14 anos, ajudando uma família de parentes na aldeia, o que me trazia satisfação em poder ajudar, financeiramente, minha mãe com as despesas de casa. Mas somente aos 18 anos foi quando tive meu primeiro serviço fichado, trabalhando em uma fábrica de calçados, na cidade de Itapecerica.

Confesso que trabalhar na fábrica foi uma experiência boa. Fiz muitas amizades e aprendi a ter responsabilidade. Só deixei o emprego por questão de saúde: os produtos que utilizava no trabalho começaram a atacar minha bronquite asmática. Sem emprego e sem um foco, para evitar de me sentir deprimida, me dediquei a ajudar minha avó nas tarefas de casa. Nesta situação, minha mãe conversou comigo e

sugeriu que eu tentasse os estudos no seguinte edital do FIEI na UFMG.

Visto meu primeiro contato com a UFMG, através da época em que minha mãe estudou lá, eu logo imaginei que seria bem acolhida pela universidade, afinal, estudaria junto dos meus parentes indígenas. Então, com ajuda dos meus parentes e lideranças da minha aldeia, me escrevi no edital do FIEI para cursar Matemática. Estava dando início a minha luta por um espaço na faculdade, representando meu povo e todos aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar.

Minha vida na faculdade

Estava em casa quando minha mãe veio com a notícia de que eu tinha sido aprovada no FIEI. Cursar Matemática me trouxe muita felicidade, foco, amadurecimento e aprendizagem de muitas coisas na vida. Iniciei meus estudos em 2018, me preparando para passar um mês a 186,7km de distância da minha aldeia. Já conhecia Belo Horizonte das vezes em que

precisei comparecer à algumas consultas médicas, então sabia que a vida na cidade grande é muito agitada, que o ar é diferente do ar fresco da aldeia, e isso tudo me assustava bastante.

No começo existia o desconforto do desconhecido, mas assim que cheguei no hotel encontrei minhas companheiras de quarto, todas indígenas Pataxó, sendo duas delas ingressantes da nova turma, tal como eu. A primeira semana na faculdade foi para conhecermos o hotel, nossos colegas indígenas e o espaço da Faculdade de Educação (FaE) na UFMG.



Neste processo, me senti acolhida e em casa. Rapidamente criei laços de amizade com os meus colegas, em especial, com Franciane e Uilian. Junto deles percorri todos os módulos do curso, compartilhamos nosso cotidiano e momentos felizes como aquele em que fomos pela primeira vez no cinema em Belo Horizonte ou quando passeamos pela cidade de Tiradentes.

Na FaE, um dos momentos que mais gosto é quando temos espaço para buscar, mesmo na cidade grande, força ancestral e sentir a conexão com a natureza, através dos nossos rituais. Durante o *tempo escola*³ escolhemos, semanalmente, um dia para realizarmos nosso ritual na faculdade, antes de entrar pra sala de aula. Além da prática dos rituais também aconteciam nossos movimentos de protestos, quando realizamos nosso canto e colocamos nossas

vestimentas indígenas para tornar a FaE, que é um mundo diferente do nosso, um espaço indígena.

Minha trajetória no FIEI me proporcionou conhecer muitos parentes e fazer muitas amizades. Sou grata a *Niamissu* pela oportunidade de chegar em uma universidade, pela honra de fazer parte da UFMG, da FaE e do FIEI. Durante esses anos como estudante eu amadureci, enfrentei meus medos, fui feliz, me arrisquei e aprendi. O FIEI me propôs encontros com meu povo, com a cultura de outros povos e me reconstruiu. Hoje eu tenho o empoderamento de mulher indígena. Meu foco é usar o meu diploma de educadora como arma de ensinamento para a educação indígena, fazendo a diferença na minha comunidade e na valorização da cultura indígena do meu povo.

³ Período em que estudamos presencialmente na Faculdade de Educação da UFMG. Há também o “tempo comunidade”, quando cumprimos nossos compromissos com a universidade, desde nossos territórios.

Minha vida na pandemia

Nunca imaginei passar pelo cenário dos dias de hoje. Parece coisa de outro mundo, desses filmes que vemos na televisão, mas infelizmente, é a realidade que estamos vivendo e que mudou nossas vidas da noite para o dia. A pandemia deixou de ser uma coisa desconhecida e tornou-se parte do nosso dia a dia. Vivemos em quarentena, usamos máscaras, álcool em gel e mantemos o distanciamento social, junto do medo de respirar e andar livremente em meio a multidão. A vida com o vírus (COVID-19) foi e continua sendo uma vivência amedrontada pela doença.

Tudo isso começou muito longe do nosso território, lá do outro lado do mundo e, aos poucos, foi se espalhando. Quando ouvi a respeito do Corona Vírus (COVID-19), através dos noticiários na televisão e na internet, jamais imaginava que chegaria no meu país, no entanto, em meados de março de 2020 tivemos os primeiros relatos de que o vírus havia chegado

no Brasil, já rendendo muitas vítimas. Entramos em quarentena e devido às mudanças de rotina e a necessidade de criar um novo modo de vida, vivemos uma temporada bastante difícil para o mundo todo.

Nós indígenas, trancamos as porteiras das nossas aldeias para os visitantes. Nossas lideranças, junto com a comunidade, decidiram criar novas regras e medidas de proteção contra a doença. Entretanto, a ida a cidade era inevitável e uma hora algum parente iria acabar transmitindo o vírus, fazendo com que muitos de nós fôssemos vítimas de uma terrível pandemia. Graças ao nosso poderoso *Niamissu*, muitos de nós conseguimos vencer essa enfermidade.

No início do ano, em Fevereiro de 2020, me mudei para a aldeia indígena Krenak, com objetivo de conhecer meus parentes e ter convívio com meu povo Krenak. Naquele ano fui passar um tempo com meus avós e tios, mas fui interrompida pela pandemia que me impediu de conhecer a todos, limitando minha estadia ao meu grupo familiar.

Por ser um território grande, o território Krenak é dividido em 6 grupos, distantes da cidade. Com o fechamento das aulas presenciais na UFMG, veio o ensino remoto e a falta de sinal

para rede móvel nas aldeias se tornou um problema para mim. Como o ensino remoto era novidade, pensei que seria fácil, mas não foi bem assim que aconteceu para nós indígenas. Para eu ter acesso ao ensino remoto tinha que ter paciência com um sinal de rede móvel que vivia caindo, isso quando existia algum sinal. Os desafios foram grandes, mas graças a *Niamissu* e ao apoio dos nossos professores, nos tornamos mais fortes, conseguindo realizar nossas aulas ou trabalhos.

Durante minha visita aos Krenak, estive sensível às nossas perdas. Percebi que a experiência do canto não se realizava como eu estava acostumada. Cantar, nos tempos de pandemia era o momento em que nos desligávamos das notícias ruins do mundo e buscávamos aconchego para o nosso coração. Diante disso, me marcaram muito as vezes que acendemos uma fogueira para nos reunirmos e cantarmos em volta dela com o propósito de aliviar os sentimentos da pandemia.

Nos sete meses que morei na aldeia Krenak, aprendi muita coisa sobre a cultura e história do meu povo Krenak, um povo resistente na luta pelo seu território. Conheci o rio Uatú, o rio que representa a raiz da árvore do povo Krenak. Era do

rio que muitas famílias tiravam seu sustento e renda familiar. Depois do desastre da barragem de Mariana, o rio adoeceu e a vida do povo Krenak mudou totalmente: com o fim das atividades no rio doce, acabaram-se também as partilhas de costumes e tradições no rio. Hoje restam as lembranças das brincadeiras na beira do rio, das pescarias e da união do povo. O rio doce faz parte da história do povo Krenak, por isso, o rio ainda vive na memória que quer contar para as futuras gerações como era quando o rio Uatú estava sadio. É triste chegar perto do rio e não poder entrar, me conectar com meu povo somente indo a beira e contemplando a sua beleza. Não tem como segurar a emoção.

Em outubro de 2020, chegou o tempo de deixar os Krenak e retornar para junto da minha família na aldeia Muã Mimatxi. Lá iniciei as observações para meu percurso e os registros das atividades com o artesanato, prática insurgente nas famílias, mesmo com a queda de vendas devido a pandemia.

Quando menos esperava, precisei abrir mão da minha vida na aldeia Muã Mimatxi e partir para a jornada que daria continuidade aos meus estudos com o foco na conclusão do

curso. Me mudei para a aldeia Águas Belas (BA) em busca de pesquisas para meu percurso e naquela região experimentei muitas coisas novas. Apesar dos problemas de estar viajando sempre, pude aproveitar de janeiro de 2022 as mais diversas frutas que a terra nos deu. Fui cativada por uma grande variedade de árvores e frutas (abiu, cajá, eugênia, cupuaçu) que ainda não conhecia.

Meus intercâmbios entre aldeias me tiraram do conforto e por outro lado, me modificaram positivamente. Cada pessoa, cada ambiente, a terra, a natureza, a comida, tudo muda de um lugar para o outro e justamente essa diferença me ajudou a me tornar outra Estéfani enriquecendo minhas raízes. Ganhei mudanças internas, como pessoa.

Os anos de isolamento social, foram e continuam sendo muito difíceis, mas também me ensinaram algo. Longe da faculdade, amadureci muito, aprendi a valorizar mais a vida, minha família e a oportunidade de estudar, apoiada pelos meus amigos e familiares, o que me dá forças para continuar.

O curso do FIEI foi mais um elemento que participou da minha mudança como pessoa. Me favoreceu outra visão,

aprendi a ser mais comunicativa e a ter mais responsabilidade. Sou muito grata por tudo que o curso me proporcionou e me ensinou. Todas as vezes que me sentia desmotivada com alguma atividade, me lembrava de tudo que passei e levei cada atividade como um desafio. Este trabalho de percurso foi meu desafio maior onde eu pude relembrar da minha história de vida, transcrever histórias contadas e ler histórias vividas. Me sinto honrada em trazer para meu percurso as práticas culturais do meu povo com o artesanato, valorizando-os e deixando registros para as futuras gerações.

Uma das minhas maiores metas é concluir o curso e exercer a minha profissão nas aldeias indígenas. Fazer aquilo que mais amo: repassar conhecimentos da cultura do meu povo para a juventude indígena, ensinar os conhecimentos que adquiri com os professores e colegas de faculdade do FIEI e compartilhar no ambiente escolar os conhecimentos que aprendi com os mais sábios da aldeia. Esse é o caminho que quero trilhar como educadora indígena.



Capítulo 2:

Minha vida e o artesanato

Falar sobre o artesanato é falar sobre mim, sobre minha comunidade e meu povo. Muito do que contarei neste trabalho reflete minha personalidade, o modo de vida do meu povo e as entrevistas realizadas, a respeito da influência do artesanato na vida dos Pataxó.

Sou mulher indígena, cresci na aldeia do meu povo Pataxó, onde eu aprendi diferentes ensinamentos da vida, a ter respeito pela terra, pela natureza e respeito pelos nossos anciões. Um dos ensinamentos principais que carrego comigo é a arte de produzir o artesanato, costume cultural do povo Pataxó. Ainda muito pequena, aprendi com minha comunidade a fazer artesanato com sementes.

Minha avó conta das dificuldades em deixar seu território, na aldeia Mãe Barra Velha (BA), e se adaptar ao estado de Minas Gerais. Na mudança vieram minha avó, seu

marido e seus filhos. Sem se esquecer da sua origem, costumes e tradições, criaram em Guarani, no município de Carmésia (MG), um lar para firmar suas raízes. Naquele tempo, meu povo vivia da agricultura familiar, mas quando meu avô faleceu, deixando três mulheres (minha avó, mãe e tia) e duas crianças (meu irmão e primo), a produção de artesanato se tornou nossa fonte de renda familiar.

Minha avó já produzia artesanatos para família e amigos como artefato de proteção, isto é, para serem usados em rituais. No entanto, como a comunidade era pequena e não tinham oportunidades de serviços, minha mãe, bem como as outras pessoas Pataxó, recorreram a produção de artesanatos para comercialização. As vendas eram feitas nas escolas onde a comunidade fazia apresentações para visitantes, mas também aconteciam vendas e trocas com os parentes da aldeia Mãe Barra Velha, em Porto Seguro.

O artesanato se tornou um costume e uma arte muito valorizada pelo nosso povo, carregando muitos valores, conhecimentos e respeito com aqueles que praticam a sua história. Minha mãe explica que aprendeu a fazer artesanato com penas, na companhia de seus primos:

Eu saía de casa e ia para a casa dos meus tios, lá na casa deles eu observava minhas primas fazer brincos com penas. Elas escolhiam, juntavam as penas e depois, com uma linha, amarravam. Foi observando elas produzindo os penachos de pena que aprendi a produzir brincos de pena. (Sarah, em entrevista)

Os penachos de brincos, xarrí⁴, amarradores e cocares são alguns exemplos dos trabalhos da minha comunidade. Para colorir as penas de galinhas, patos ou papagaios usados em nossos artefatos, realizamos algumas etapas. Na primeira parte, molhamos as penas, dividimos em grupos e jogamos elas na anilina dissolvida na água. Em seguida, levamos as penas para o fogo e mexemos até que todas elas paguem cor. Feito isso, lavamos as penas, tiramos o excesso de água, colocamos em uma vasilha e por fim, levamos ao fogo para secar as penas. Neste último processo, temos que mexer e mexer as penas no fogo para que elas fiquem secas e soltas, prontas para produzir os artesanatos.



Aprendi a trabalhar com o artesanato desde de pequeno, que foi passado de geração a geração. Aprendi com os meus pais olhando eles, eles ensinando, e hoje meu trabalho e sobrevivência é através do artesanato que eu produzo, eu e minha esposa. [...] Sem meus artesanatos eu não sou nada hoje, sou muito grato. A tradição e o amor que tenho pelo artesanato é manter vivo a cultura do meu povo e a maior coisa que sou muito grato é de produzir meu material e estar vendendo, expondo para o Brasil para que todos reconheça a cultura do povo Pataxó. É como eu falei, eu dedico a minha vida toda pelo artesanato Pataxó, e também eu sou apaixonado pelo artesanato de outros povos indígenas, que eu vejo publicar nas redes sociais [...]. Sem o artesanato eu não sou nada, tudo que eu conquistei hoje eu agradeço muito ao meu trabalho tradicional que eu faço dentro da minha comunidade... (Henagio Braz, 28 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista).



⁴ Palito de cabelo enfeitado com penas.

A minha vida com o artesanato começou desde a infância. Me lembro das tardes em que minha família se reunia para dar início à produção dos artesanatos de sementes, a começar pela colheita. Eu e as outras crianças acompanhávamos os adultos, brincando durante a colheita, e também ajudando a carregar as vagens de sementes para colocar no saco. Depois de apanhadas as sementes no pé, começa a segunda e minha mais favorita etapa: o descascamento das sementes. As mulheres faziam grupos para descascar sementes de juerana⁵, reuniam a família, os parentes vizinhos e as crianças, compartilhando histórias tradicionais e a lembrança de como eram feitos os processos para produzir o artesanato.

Antigamente a gente usava a linha de tucum para fazer os nossos artesanatos. Eu e minhas parentes íamos para a mata tirar o tucum, era da folha da palmeira do tucum que nós tirava a linha. Primeiro rancava as folhas, com cuidado para não machucar com os espinhos. Depois que colhia a folha do tucum, com cuidado tirava uns fiapos de fios. Desses fiapos de fios a gente juntava e fazia

a linha do tucum. (Maria D' Ajuda Braz, em entrevista)⁶.

Quando são recolhidos mais de um saco de semente, o descascamento pode levar uns dias. A terceira etapa é o tingimento, quando as mulheres separam as sementes em grupos de acordo com as cores que tem para pintar. Se temos quatro cores diferentes de anilina, vamos dividir, por exemplo, entre as cores vermelho, verde, azul e amarelo. As divisões são feitas através do olhar e usando a “mão cheia”. Cada mulher que participa do processo, na hora de receber a sua parte do trabalho, ganhará uma mão cheia de sementes, e este sistema vai sendo repetido até todas as mulheres receberem a mesma quantidade de sementes. Esse manejo de divisão também é utilizado em nossas atividades do dia-a-dia.

Existe uma grande variedade de sementes, de vários formatos, tamanhos e contrastes. Usamos as sementes de pariri, juerana, olho de boi, tiririquim e tantas outras. Mas nem sempre tivemos fácil acesso às sementes. Antes, quando não tínhamos sementes em nosso território, minha mãe e meus tios

⁵ A juerana é uma árvore que dá sementes de ano em ano. Na aldeia onde nasci, de janeiro à abril, utilizávamos muito da semente de juerana nos nossos artesanatos.

⁶ Maria D' Ajuda Braz é minha avó, com quem aprendi muito sobre o artesanato, e tenho guardado na memória sua fala sobre as linhas e o tucum.

saíam da aldeia para pegar semente de juerana na cidade vizinha. Hoje, graças a *Niamissu*, temos sementes em nosso território e preservamos o que temos nos quintais de nossa aldeia, espalhando as sementes para crescer e futuramente dar seus frutos para todos.



Fonte: Acervo da autora.

Meu primeiro artesanato, uma pulseira simples de uma linha, foi feito com os ensinamentos de minha mãe. Apenas aos nove anos aprendi a fazer pulseiras largas com detalhes. Para fazer a pulseira larga, primeiro fazemos uma pulseira com uma linha só medida com o tamanho do punho, depois furamos a primeira semente, da primeira pulseira e atravessamos com uma linha para adicionarmos outra carreira de semente. Terminando esse procedimento, basta dar continuidade até chegar na largura que se deseja. Foi tecendo pulseiras largas que aprendi noções básicas de matemáticas, como contar e dividir as sementes, além de criar formas geométricas nos meus artesanatos.

Eu sempre gostei de produzir artesanato, de conhecer as sementes, de criar diferentes grafismos com as cores, inventando novas possibilidades de artesanato. A minha inspiração e motivação sempre veio da minha família e da minha comunidade, mas a escola cumpriu um importante papel para o fortalecimento da cultura da aldeia Muã Mimatxi. Nossas atividades escolares envolvem a valorização da nossa cultura, nossos saberes tradicionais e o conhecimento ancestral que

são passados pelos membros da comunidade para nossas crianças e jovens da aldeia.

Por isso, a escola é o coração da aldeia. É como se fosse a minha segunda casa, pois aprendo não apenas a alfabetização, mas também a ter orgulho da minha origem, da minha etnia, dos meus adereços e da história de luta do meu povo e de outros povos indígenas do Brasil. Como temos aulas interculturais na escola indígena, estudamos considerando nosso fazer e nosso saber, portanto, “é uma experiência [...] onde são vivenciados os conhecimentos tradicionais do nosso povo de uma forma coletiva e interdisciplinar”. (POVO DA ALDEIA MUÃ MIMATXI, 2013, p. 55).

Acho importante dizer que entendo a interculturalidade uma tentativa de questionar e pressionar o modelo escolar clássico, incluindo as lutas de diferentes etnias. É um universo de disputas que pedem por justiça cultural e o direito de sermos nós mesmos em suas particularidades. Podemos dizer que uma educação intercultural quer transformar tanto a sociedade quanto o sistema educativo, permitindo que existam concordâncias e discordâncias entre os habitantes da terra,

desde que haja respeito entre todos. Pode ser entendida como um

“projeto político, social, epistêmico e ético dirigido à transformação estrutural e socio-histórica, e baseada na construção entre todas as condições – do saber, do ser, do poder e da vida mesma -, de sociedade, Estado e país, radicalmente diferentes. Mas também deve ser entendida como ferramenta de ação, [...] constante, contínua e até insurgente, entrelaçada e direcionada com a ação de decolonizar” (WALSH, 2012, p. 73, traduzido).

Praticamos uma matemática cultural. Através da prática de artesanatos, identificamos geometrias dos artefatos, modos de contagem e divisão das sementes, de maneira inseparável da nossa conexão com nosso povo, da busca pela sabedoria e proteção. Quando eu coloco um colar de semente, um brinco de pena ou uma pulseira, eu me sinto uma mulher forte, ao mesmo tempo que sinto a natureza perto de mim, os meus ancestrais presentes e as forças dos meus antepassados que hoje são encantados. Isso também faz parte da nossa matemática.





Capítulo 3:

Meu povo Pataxó

O povo Pataxó surgiu das águas, por esse motivo, esse elemento tem uma grande importância para nós. Nossas festividades envolvem agradecimentos a ela pela fartura e pela vida na terra. A história conta que, antigamente, existiam somente os animais na terra, habitando ela através dos seus modos de comunicação e de trabalho. Falavam, contavam histórias e trabalhavam na terra até o dia da chegada de uma grande tempestade. Neste dia, a cada pingo de chuva que caía na terra surgia um novo ser, explica Txahá Braz.

O povo Pataxó surgiu de um grande aguaceiro que aconteceu no mundo. [...] Em um dia, no céu formou-se em uma grande nuvem e dessa nuvem caiu sobre a terra um grande aguaceiro de chuva e esse aguaceiro não foi apenas um aguaceiro comum, foi um acontecimento que originou muita água. Em cada pingo de água que caía sobre a terra formava-se um corpo, daí surgiu o povo o

Pataxó. Então, o povo Pataxó veio através do tempo das águas, que originou a vida, que originou semente de gente e essa semente de gente foi o povo Pataxó. E o povo Pataxó originou-se dessa grande água que caiu sobre a terra, de chuva não foi um aguaceiro apenas, foi um tempo das águas que originou muita água. (BRAZ, 2018, p. 23)

Além da água, somos originários do extremo Sul da Bahia, pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê da família linguística do povo Maxakali. O território Pataxó começa no litoral da Bahia, mas atualmente temos aldeias na região de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Eramos um povo livre, sem limites para nossas moradias. Vivíamos na mata fechada em um grande território com caça, peixe e roças em fartura. Por sermos um povo reservado, não tínhamos contato com o “branco”, somente com o povo Maxakali, quem consideramos nossos parentes.

A história do povo Pataxó é marcada por muita resistência, sendo a maior delas, nossa luta pelos territórios que foram tirados dos nossos antepassados em um acontecimento que ficou marcado como “Fogo de 51”. No ano de 1951, houve uma invasão na aldeia Mãe Barra Velha (Porto Seguro, BA), quando nossos antepassados deixaram para trás

o que construíram, sua moradia, roças e sua terra natal, na tentativa de sobreviver ao massacre que ocorreu. Esse foi um dos motivos da disseminação do povo Pataxó, em sete comunidades, distribuídas pela região de Minas Gerais. Temos uma história marcada pela invasão, perseguição, mas também pela resistência.

Mesmo nos anos 70 e 80, muitos dos nossos parentes foram forçados a sair do seu território, sendo levados para fazendas no estado de Minas Gerais, lugar onde sofreram abusos e foram submetidos ao trabalho escravo. Outras famílias Pataxó puderam resistir, permanecendo ou voltando para seu território de origem, ainda que isso significasse passar por muitas dificuldades em uma terra destruída. “Pouco a pouco, as famílias foram chegando, alguns tinham medo de voltar por conta da revolta de 1951, muitos parentes pensavam que se voltasse poderia acontecer tudo novamente, por isso tem muito Pataxó espalhados por vários lugares”. (SANTOS, 2018, p. 42)

Atualmente as famílias vivem em territórios demarcados no extremo sul do estado da Bahia. São um total de trinta e seis aldeias, distribuídas em seis terras indígenas: Barra Velha,

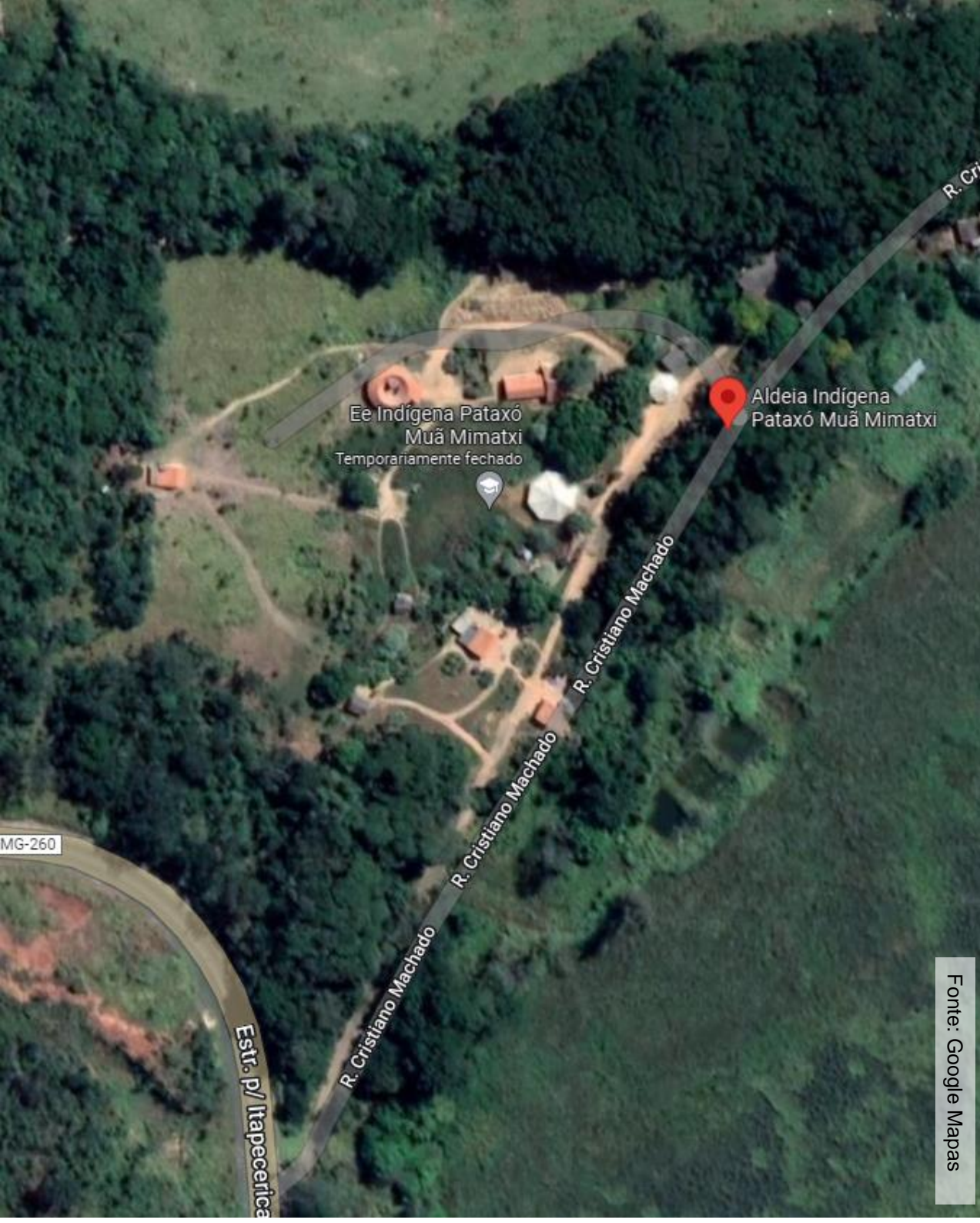
Coroa Vermelha, Águas Belas, Aldeia Velha, Imbiriba e Mata Medonha. As famílias que vivem por esses territórios se dedicam à agricultura familiar, alguns trabalham na educação, na saúde, na pesca, turismo e outros trabalham como artesão.

Aldeia Muã
Mimatxi

Muã Mimatxi significa "Moita de Mata" pois é composta por uma moita de árvores sagradas, consideradas pelo nosso povo como parentes "*Txoe Txão*". Nossa aldeia fica situada no Centro-Oeste Mineiro, município de Itapecerica, próximo do vilarejo chamado Lamounier. Lá vivemos em um grupo familiar com aproximadamente quarenta pessoas, juntos da natureza e seus elementos do céu e da terra que também são nossos parentes. Apesar da aldeia ficar bem próxima do vilarejo e da rodovia, sentimos como se vivêssemos longe disso tudo, pois o nosso convívio tem forte relação com a natureza.

Composta por indígenas de uma rama de Pataxó, nosso território foi formado em março de 2006, com a vinda dos mais velhos da aldeia Mãe Barra Velha (Porto Seguro, BA) para Itapeacerica. Encontramos e conquistamos Muã Mimatxi com muita luta das lideranças, com a ajuda de relatórios, viagens e reuniões com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e com o Serviço de Patrimônio da União (SPU). Desta maneira, os pedidos ao grande *Niamissu* e *Yamixoop* (Protetores da natureza) foram atendidos.

A chegada do nosso grupo familiar na aldeia foi debaixo de um grande aguaceiro, assim como foi nossa história de origem na terra, mas estávamos todos felizes por estar construindo nossa aldeia, desde os velhos, adultos, aos mais jovens e crianças. Junto também trouxemos as nossas criações: cachorros, gatos, galinhas, maritacas, plantas e sementes que fazem parte da nossa caminhada e cultura.



Fonte: Google Mapas

O nosso pensamento de vida é a esperança de construir, zelar e ter equilíbrio entre a natureza e os Pataxó.

Logo as famílias começaram a fazer as barracas de lona no espaço que lhes chamaram atenção e outras foram para um casarão onde ficaram alojados por um tempo. A FUNAI doou certos materiais para a construção de algumas casas e as famílias ajudaram na compra de material. As lideranças começaram a lutar pelo reconhecimento da nossa aldeia, pela educação diferenciada, saúde com os órgãos responsáveis e aos poucos conquistamos nossos direitos e uma aldeia com nossa característica Pataxó.

Fomos bem recebidos pela população tanto do vilarejo, quanto de Itapecerica. Para manter o diálogo e respeito com nossos vizinhos, as lideranças procuraram o prefeito e seus parceiros para apresentar o nosso povo nesse novo território, porque dali para frente iríamos trabalhar juntos e sermos parceiros. O nosso grupo familiar teve que conviver por uns anos com posseiros que habitavam o território, isso nos deixava sem liberdade, mas um dia, graças a *Niamissu*, eles deixaram o espaço.



Os artesanatos que eu mais trabalho são artesanatos de penas, que eu faço, tiaras, cocares, brincos, e tem a minha esposa também, que faz artesanatos de sementes, para preservar a natureza. As penas que nós trabalha são de animais que eles mudam de penas, que é de ano em ano, a gente cata as penas para a gente tá produzindo os nossos materiais, com penas e sementes (Henagio Braz, 28 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista).



[...] com o artesanato eu consigo entrar em conexão com a natureza, o artesanato também conecta você com a comunidade porque você nunca está sozinho, sempre vai ter alguém ali com artesanatos, mas ali ao seu lado. O artesanato tem uma grande importância nos nossos rituais, quando usamos o cocar ou bate o maracá, a energia que ele dá para seu corpo e espírito é muito forte, como eu disse, com o artesanato eu consigo conectar com a natureza e tudo ao seu redor (Shawanawá dos Santos, 19 anos, Aldeia Muã Mimatxi, em entrevista).

Vivemos com a natureza e para natureza. Seguimos o calendário dos tempos da natureza como guia das nossas atividades de vida na terra. As questões da nossa comunidade e, conseqüentemente, as temporalidades aí existentes são as nossas referências para o trabalho. Sabemos que o nosso ano começa em outubro, no mesmo mês em que nossa etnia foi formada, isto é, no tempo das águas, porém, esse calendário pode variar, a depender dos movimentos no tempo da natureza. Esse calendário envolve todas nossas atividades em quatro grandes tempos:

Tempos das Águas; Tempo de voltar para a escola, colher o que plantou e agradecer a natureza por tudo que ela nos deu no tempo das águas; Tempo da brisa leve, de falar da luta do nosso povo, participar do movimento indígena e lutar por nossos direitos; Tempo da seca, do frio, do vento rasteiro derrubando as folhas que ainda resistiram, tempo de fazer fogueira, de olhar e contar histórias do céu. (BRAZ, 2021, p. 63)

Nos tempos das águas, que é de outubro a janeiro, acontecem nossas atividades plantios, cuidado e criação de roça. Já nossos trabalhos de artesanato começam com as colheitas e estoques de sementes, e desembocam em abril na produção dos artefatos.

Desde que chegamos no território, período em que a terra estava sofrendo por causa dos muitos lixos e entulhos, articulamos nosso trabalho de vida ao cuidado com a terra, protegendo a natureza e seus elementos. Atualmente, estamos em 2022, e nossa aldeia está cada vez mais linda, preservada, em equilíbrio com os parentes do céu e da terra.





Capítulo 4:

Apreendi com meu povo,
aprendi com a semente:
a produção do
artesanato Pataxó

Antigamente, antes da invasão no nosso território na aldeia Mãe, o povo Pataxó vivia em paz e harmonia com a natureza. Utilizava o artesanato nas suas festividades, produzia para si, fazia arco e flecha para caçar, gamela para preparar os seus alimentos e produzia seus colares com sementes para rituais e proteção (olho gordo e maus olhados). Depois da invasão no nosso território e da diáspora do povo Pataxó, muitas famílias deixaram seus costumes de lado, entretanto, os nossos mais velhos enfrentaram a repressão e não deixaram de praticar ou esquecer a cultura do seu povo.

Após o ataque ao povo Pataxó, os invasores destruíram a natureza, a terra ficou escassa, já não existia mata para caçar, rio saudável para pescar, madeira boa para usar e então

tivemos que buscar um meio de sobrevivência para nosso povo. Vivendo em uma sociedade com maior contato com os não-indígenas, passamos a vender os artefatos para os turistas que visitavam a região de Caraíva e Corumbau, que são os pontos turístico da região. Muitos dos turistas visitavam a aldeia para conhecer o território, a comunidade e os rituais do povo, mas acabavam comprando artesanatos (colares, pulseiras, cocar etc.) em alta quantidade ou realizando trocas com alimentos (macarrão, arroz, leite em pó, etc). Por outro lado, mantemos também as trocas com os parentes das outras regiões, negociando variedades de artesanatos ou comida.



Comecei a fazer artesanato a partir dos meus oito anos de idade, eu aprendi com meus pais, [...] Eu faço pulseira, faço colar, brincos tudo de semente. [...] A gente consegue as coisas pra dentro de casa através do artesanato, tudo que a gente tem a gente compra com a venda do artesanato, material escolar, roupa... O artesanato hoje em dia é mais valorizado, porque antigamente ele não era tão divulgado ainda, hoje em dia ele tem mais a divulgação. (Iuri Pataxó, 29 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista)

Seja nos tempos difíceis que passamos ou nas nossas festividades, o uso dos nossos artesanatos nos traz forças ancestrais. Os adereços que usamos em nossos rituais tem valores, inclusive sentimentais, e carregam o conhecimento do povo. É importante que nós, indígenas, saibamos desses valores. O artesanato não é enfeite, é um artefato sagrado. Existem artesanatos que podem ser comercializados e artesanatos que podem ser somente usados por nós.

O cocar é um dos nossos artefatos sagrados, usados nos rituais, nos momentos de festividades, como no casamento tradicional. O cocar no casamento é usado como uma aliança: o casal faz a troca de cocar simbolizando a aliança e o comprometimento, fortalecendo a união e os votos do casal.

Nos rituais, os colares dos homens são grandes e com detalhes do grafismo Pataxó, geralmente feitos com a semente tradicional, o tento. As mulheres se enfeitam com seus grandes brincos de penas de arara, que só são usados em rituais. É nos Awê que nos enfeitamos com nossos adereços para celebrar com os parentes da natureza e da terra, fazemos nossos cantos e danças agradecendo e pedido forças aos nossos ancestrais e espíritos da natureza.

Antes, tínhamos recursos da terra para fazer nossos artesanatos, mas não tínhamos a valorização do mercado. Hoje, nosso povo busca a valorização dos nossos artefatos, e encara a escassez de matéria-prima, conservando sementes que dão de ano em ano em garrafas pet. Esse tipo de conservação exige de nós atenção para escolher as sementes, uma por uma, para não conservar sementes estragadas e acabar perdendo a garrafa inteira.



É bom lembrar que nem todas essas sementes são encontradas o ano todo, por isso é importante fazer o estoque, os nossos parentes fazem o estoque em garrafa pet, um meio mais barato.. nesse estoque, colhe as sementes maduras ou também elas de vez, tinge elas com anilina e coloca elas para secar. Não seca totalmente, deixando um pouco mole aí coloca na garrafa para poder conservar, aí você terá semente para confeccionar dessa maneira aí. (Cosme Braz, 36 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista).

Para aqueles que não tem o conhecimento do processo do artesanato, acham que fazer artesanato é simplesmente ter sementes, linhas e penas, mas a realidade das famílias Pataxó que vivem da confecção dos artesanatos é outra. As famílias trabalham com a colheita das sementes, com o tingimento, com o tecimento do artesanato, e todos esses processos levam tempo, dedicação e sabedoria para finalizar um artefato natural que não agride a natureza.

A natureza é nossa mãe, por isso, tudo que tiramos dela deixamos para seus filhos que são os animais e plantas. Se vamos colher uma árvore de juerana, tiramos apenas metade, o restante deixamos para os passarinhos e para a natureza semear na terra. Assim, produzir o artesanato é trabalhar em união. Como dizia o ancião Cacique Tururim: “Uma vara só, é fácil de quebrar, um feixo é mais difícil de quebrar. É a união que faz a força” (SANTOS, 2018, p. 17). Trabalhar com a família e a natureza é saber compartilhar. A natureza nos dá a semente, com a semente produzimos o artesanato e com o artesanato produzimos união na comunidade. É trabalhando em união que o trabalho rende e gera novos frutos.

O povo Pataxó tem o costume de trabalhar em conjunto, dividindo as atividades. As mulheres fazem seus grupos para iniciar a preparação da colheita das sementes, etapa em que elas mesmas arrancam, juntam e descascam as sementes. Os homens ajudam uns aos outros, se reúnem para ir na mata arrancar os feixos de bambu para fazer arcos, flechas, sarabatanas, gamelas, colheres entre outros objetos que são suas especialidades. Também há momentos em que homens e mulheres trabalham juntos. Na produção dos arcos, por exemplo, os homens começam o trabalho e as mulheres finalizam fazendo pinturas inspiradas na natureza, isto é, criam pinturas inspiradas nos rios, nas montanhas ou na casca de uma árvore.

Mesmo as crianças estão presentes nas atividades. Seu interesse pela produção do artesanato surge desde muito cedo, não porque elas são obrigadas a fazer, mas porque essa prática é um costume do povo e acaba sendo passado para elas através das brincadeiras. Durante as etapas de confecção, olhando e ouvindo, as crianças aprendem seus primeiros ensinamentos da arte e dos saberes dos antigos que já se encantaram. Curiosa, a criança Pataxó é participativa, ela

consegue fazer um trabalho se tornar uma atividade divertida, trabalhando em união, brincando e rindo.



Fonte: Acervo da autora

Com a modernização, os jovens estabeleceram outra vivência com a aldeia. Muitos deles não praticam a cultura do nosso povo com o artesanato, tarefa de transmissão de

conhecimento a qual apenas alguns grupos familiares se dedicam. Se antes produzir o artesanato foi uma necessidade para muitas famílias sobreviverem, organizando sua renda, hoje, existem outros meios de trabalho. Com os trabalhos fora da aldeia ou mesmo as oportunidades na educação, na saúde, turismo ou pecuária, a prática de produzir artesanato deixou de ter a mesma relação que tínhamos antigamente.

Nessa direção, o povo Pataxó se preocupa em valorizar seu artesanato, sem deixar que a prática seja perdida na sua cultura. Então, mesmo que muitos não pratiquem a atividade de produzir artesanato, temos a atenção para manter o respeito e o reconhecimento do valor do artesanato para o nosso povo. Um dos modos que encontramos de apreciar o artesanato é fazendo encomendas na mão dos parentes, assim, enaltecendo seus trabalhos, como cita Edleuza em seu percurso: “a compra desses artesanatos de quem produz é uma forma de incentivo e também de não perder a relação com a cultura Pataxó através desses artesanatos. Mesmo quem não produz, valoriza o trabalho de quem faz, cada vez o leva adiante” (SANTOS, 2017, p. 37).



Fonte: Acervo da autora



Meu foco de artesanato é o artesanato de semente, os colares, pulseiras, brincos e esses colares com vários formatos, pensados em formatos diferentes para atender vários públicos. A gente pensa, esse aqui é para uma criança, para um adolescente, um de idade, então isso tudo a gente pensa.

[...] o valor, isso depende muito do formato que é o colar, [...] da arte a ser confeccionada, [...] do tempo que a pessoa gasta e a quantia de semente, de linha e colocar em conta as horas trabalhadas. (Cosme Braz, 36 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista).





O melhor jeito de aprender é praticando: nossa matemática cultural

Como os artefatos agem na vida dos Pataxó? Que conhecimentos são movimentados nesse processo? A produção dos artesanatos Pataxó possui sua própria matemática. Uma etnomatemática que circula um conhecimento ancestral compartilhado e nos permite pôr em prática nossa produção de farinha, a divisão de uma caça, o cuidado com a roça, entre outras atividades cotidianas.

A matemática é importante para dar seguimento em nossos artesanatos e acredito que o melhor jeito para aprender é praticando em atividades do nosso cotidiano. O jeito dos não-indígenas perceberem as ciências as vezes faz parecer que aquele é a maneira mais certa de fazer, só que a matemática não se resume aos números, nem às ideias ou palavras.

Envolve trabalho, história e conhecimento etnomatemático do povo, afinal, se hoje temos os conhecimentos de matemática dos livros didáticos é somente porque uma comunidade registrou as suas práticas e as maneiras de expressar seus sentimentos com o mundo.



Têm as datas certas também que a gente espera ela dar, a gente faz a colheita e armazena as sementes para gente produzir no inverno todo para que no verão a gente vende no período do turismo, e cada artesanato que a gente faz a gente tem a nossa matemática. [...] Para você tá fazendo um brinco mais caprichado, mais chamativo, aqueles mais simples e tudo isso eu uso a minha matemática.

Olha na contagem de sementes que eu faço, que nem eu falei, todo mundo que tem o trabalho mexe com a matemática mesmo que ele não sabe ler ou escrever, ele sempre sabe usar a matemática, [...] Na minha forma de tá fazendo meus artesanatos eu uso muito a matemática na contagem de penas, seleciono as penas maiores, menores, as sementes as que batem e que não batem, então, cada pessoa tem sua forma de trabalhar. Inclusive a gente usa, não é aquela matemática que nem na escola que você faz ali, estudado no seu dia a dia ali não, mas é uma matemática tradicional que eu aprendi através dos meus pais, do meu povo, dos mais velhos que passou de geração a geração para nossa comunidade não deixar de trabalhar com a arte Pataxó (Henagio Braz, 28 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista).

Todo saber depende do tipo de olhar que as pessoas usam para falar sobre as situações. Em qualquer movimento podemos encontrar o que nosso modo de vida está acostumado a ver, então, acredito que quando trago uma etnomatemática para meu trabalho, estou me referindo a uma matemática que só existe junto da minha comunidade, com nosso modo de se relacionar com o espaço, com o tempo e com os conhecimentos tradicionais passados de geração a geração. Então, a etnomatemática no meu percurso, é a matemática que aprende com as finalidades específicas dos brancos, mas entende que essa não é a única maneira de organizar nossas vivências, e que nenhum saber apresenta um comportamento fixo no decorrer dos anos.

As culturas têm sua filosofia própria, sua história própria. Assim, também os comportamentos cotidianos e os conceitos de suporte, como a geometria e a aritmética. Particularmente importante é a geometria. Na cultura ocidental, a geometria está muito associada com duas vertentes: a demarcação de terras (original do sistema de produção e economia do Egito), e a perfeição de formas (original da mitologia grega). No curso de encontro das culturas da bacia do Mediterrâneo, essas duas vertentes foram se

relacionando, na verdade se entrelaçando e se confundindo. Por exemplo, nas culturas amazônicas não se faz demarcação de terras e a mitologia é de outra natureza. Portanto, não há como se procurar conceitos da geometria ocidental nas culturas amazônicas. O máximo que se pode conseguir é alguma semelhança nas formas, mas não nos conceitos. Qualquer tentativa de tradução de idéias causa distorções (D'AMBRÓSIO, 2008, p. 13).

Na tessitura dos artesanatos Pataxó estão representadas nossas próprias geometrias pintadas e criadas com inspiração no que vemos da natureza. Trabalhar com as sementes, por exemplo, é aproveitar a história e o pensamento que elas nos dão. É compor uma geometria identificando quais sementes combinam uma com a outra, redonda com cumprida, pequena com grande... Através dos estudos e comparações, descobrimos formas geométricas ao nosso redor, na formação de uma casa, no formato de uma roça, no tecimento das sementes. Hoje em dia dizemos que uma oca é redonda, uma casa é retangular e uma semente é achatada, mas antigamente, os antigos não tinham acesso aos nomes da matemática ocidental, então falávamos de formatos de tal caça, tal árvore ou tal momento.

A nossa matemática tem um outro entendimento de exatidão: não temos necessidade de pesar quantos quilos tem um saco de sementes, através do olhar e das práticas já vividas, sabemos quantos litros de sementes dá um saco. Temos um olhar apurado para perceber, por exemplo, que um saco com sementes estragadas terá menos de cinco litros de sementes. Não abrimos mão do nosso jeito de medir. Nossa etnomatemática é a matemática do olhar!

Nosso olhar quer uma matemática que não atropela os indígenas, ao contrário, está vinculada às nossas pedagogias diferenciadas, reconhece nossas vivências anteriores à escolarização ocidentalizada, aprendendo através do olhar a responder nossas necessidades ambientais, sociais e culturais. É uma etnomatemática comprometida com a paz, especialmente com o desenvolvimento que respeita nossos parentes-animais, parentes-plantas e parentes-minerais, tão entrelaçados ao nosso jeito de viver e entender a vida.





No momento ali [de fazer artesanato], a gente tá mexendo com contas né, cores e formas..., tudo isso envolve um conhecimento de matemática, entendeu. A pessoa as vezes pode até pensar que não tá sendo aplicado um conhecimento matemático ali. Se for fazer uma observação a pessoa tá aprendendo de outro jeito diferente, entendeu.. acredito que é uma forma de estimular mais a pessoa, [...] (Cosme Braz, 36 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista).

Na hora de construir a matemática, cada minuto, cada roça, cada rio, os cantos, as conversas com os mais velhos, são elementos que não podem ficar de fora. Em Muã Mimatxi, o ensino e o aprendizado estão por toda parte, “exceto, talvez, nos limites das ‘quatro paredes’ (d. Liça), onde muitas vezes o Estado e a educação escolar pretende, sem sucesso, confiná-los” (FIGUEIREDO; BRAZ; ROMERO, 2021, p. 75).

Nós Pataxó, conhecemos a matemática presente nos livros didáticos, mas também gostamos de preservar a matemática que nossos antepassados já conheciam e

praticavam a muitos anos atrás. Praticamos esses saberes tradicionais na aldeia, seja trabalhando em grupo, fazendo uma roça, um *kijeme* (casa) ou na confecção dos artesanatos. Em harmonia com nosso modo de aprender olhando e praticando, produzimos um saber sem precisar saber ler ou escrever; os conhecimentos tradicionais do nosso povo exigem apenas a escuta, a paciência e a observação. É olhando e praticando que se aprende.

Estudamos nossa confecção dos artesanatos do pequeno para o grande, quer dizer, no preparo de uma pulseira de semente, começamos fazendo uma linha e com o tempo vamos pulando para mais e mais uma linha. Desta maneira, aprendemos a tecer sem um jeito certo ou errado. Cada um tem seu tempo e seu jeito de criar e fazer. Exercitamos o saber tradicional matemático, mas também usamos nossa mente para a criação de artefatos combinados com a vida na aldeia. Erramos, acertamos e é assim que aprendemos a aperfeiçoar o nosso artesanato, valorizando a cada peça, cada tipo de semente.

Baseada nas minhas pesquisas de campo e vivência na comunidade do povo Pataxó, decidi contar do trabalho de

colheita das sementes como processo que faz parte da produção de artesanato e que, através do olhar e da prática, constrói uma matemática parceira dos valores e da tradição do povo Pataxó. Para isso, me inspirei no trabalho de percurso da minha prima Txahá Braz (2018) que fala sobre o saber matemático, de um modo geral, na aldeia Muã Mimatxi. Aqui, quero trazer mais especificamente, como a prática do artesanato está ligada ao nosso modo de sentir e estar com nossos parentes do céu e da terra expressos nas nossas noções de agrupar, emprestar, trocar, juntar, dar e distribuir.

Para dar início a produção dos artesanatos de sementes, primeiro fazemos a colheita que é um evento cultural nas aldeias, realizado de ano em ano, com as sementes do período de Janeiro a Abril. Em etapas, pegamos as sementes no pé, *juntamos* e descascamos elas, *dividimos* as sementes em *grupos*, tingimos e *dividimos* a produção entre os envolvidos na atividade. Depois do artesanato finalizado, *dividimos* o que ganhamos de sementes com os parentes; *emprestamos* sementes para quem precisa; e fazemos *trocas* de sementes por artesanatos.

Todo esse processo da colheita envolve os costumes e saberes tradicionais matemáticos do povo Pataxó, trazendo significados particulares para cada uma das medidas a seguir.

Agrupar (Juntar)

Agrupar é quando fazemos o agrupamento das sementes, que quer dizer olhar para as sementes de vez (nem madura nem verde) e maduras (quase secas) e juntar as de vez com os grupos das de vez e maduras junto com as maduras. Depois, escolhemos as sementes boas das estragadas e em seguida armazenamos as boas em uma garrafa pet. Também fazemos os agrupamentos das sementes, pelo seu formato, cores ou tamanho, facilitando e organizando as sementes para a confecção dos artesanatos.

Distribuir (Divisão)

Distribuir é dividir as etapas e a mão-de-obra para o trabalho. As mulheres observam o tamanho da tarefa e a partir disso, se organizam para colher, fazer o descascamento e o tingimento das sementes. Por último, distribuem a produção entre o grupo, usando as “mucheias” (mão cheia). As

mucheias são medidas usadas pelos antigos para dividir os alimentos e que carregas para atualidade na distribuição das sementes entre os parentes.

Dar (Compartilhar)

Dar é uma forma de compartilhar o que temos com quem não tem. Somos uma família em comunidade, por isso, é importante que nunca fechemos os olhos para o outro. Exercitamos nosso cuidado pelo costume de compartilhar com um parente ou com a família algo que ganhamos. Quando terminamos a colheita das sementes, separamos algumas para dar, mesmo que seja pouco, compartilhamos o que temos com o próximo.

Emprestar

Emprestar é uma prática que nós fazemos nas atividades com a produção dos artesanatos. Por exemplo, quando precisamos de uma matéria-prima que não temos, recorremos a um parente que tem e pegamos emprestado. Quando menos esperar ele terá o retorno do que pegou emprestado, sempre dando uma quantidade maior, como uma forma de recompensa e gratidão.

Trocar

Antigamente a troca era mais praticada pelo povo, mas ainda hoje persistem algumas atividades de troca na nossa aldeia. Na produção dos artesanatos fazemos trocas de sementes, madeira, linha, imbira e outros materiais, baseados em acordos com os parentes. Trocamos sementes por alimentos, trabalho de mão-de-obra por artesanato. Vemos que se alguém precisa de ajuda, podemos nos dispomos a ajudar: se um familiar está preparando uma gamela, posso me oferecer para buscar madeira para o preparo e fechar um acordo de que, quando o artesanato estiver pronto, posso ganhar minha parte no artefato.

Outra arte que tem influência nas nossas vidas é o arco. O arco é um trabalho que para ser feito tem que ter força, porque o bambu maduro é pesado então, geralmente, para evitar duas viagens, os homens vão juntos carregar todo o bambu que colheram. Quando fazemos os arcos para vender, garantimos uma boa curvatura através da braçada (esticar os dois braços), da passada (passo grande) e da palma da mão. Sempre preferimos usar os bambus maduros encontrados na



mata, porém, não é sem a permissão dos *yamixoop* (espíritos da natureza) que puxamos e tiramos o que precisamos.

Na sarabatana, antigamente usada como arma de caça e de proteção contra os inimigos, usamos bambus menos largos. A palma da mão e nosso olhar nos permite realizar comparações entre peças para fazer diferentes tamanhos de sarabatanas. Atualmente são as crianças que mais fazem uso deste objeto nas suas brincadeiras.



[...] muitos acreditam que aquelas sementes tem um certo tipo de poder proteção [...] acreditasse que eu já ouvi relatos dos mais velhos que, quando se faz um colar de pariri e se vende para uma pessoa, se a pessoa usar ele e ele começar a rachar, isso quer dizer que ele protegeu a pessoa das coisas ruins, principalmente dos maus olhados. (Cosme Braz, 36 anos, Aldeia Barra Velha, em entrevista)



[Uso matemática] Quando eu faço um arco, uso bastante a palma da mão pra medir do meio para o lado, eu uso uma lasca de madeira para medir o tamanho do lado, para fazer um desenho. Para fazer um artesanato de semente tem que contar as sementes e saber com quantas fileiras você vai usar para fazer o desenho que deseja, quando faço uma pulseira mais grossa, utilizo mais fileiras de sementes. A arte de produzir artesanato Pataxó me ensinou muitos conhecimentos, aprendi a manusear ferramentas, a observar a geometria de uma pintura, também a sabedoria da natureza, sabendo observar quando é tempo certo pra colher sementes, de cortar uma madeira, a hora certa de andar pela mata e sempre tendo respeito com a natureza (Shawanawá, 19 anos, Aldeia Muã Mimatxi, em entrevista)..







Capítulo 5:

Oficina: Jornada pedagógica + produção de artesanato Pataxó

Quando decidi trazer como os artefatos agem na vida dos Pataxó e que conhecimentos são movimentados nesse processo, já tinha em mente pesquisar com a escola como nossa aliada. Usar a escola para transmitir os ensinamentos Pataxó sobre os artesanatos, para uma juventude que ficou mais distante deste conhecimento ancestral. Para mim, a escola pode cumprir o papel de resgatar os costumes do nosso povo, já que a cultura Pataxó permanece viva, mas por questões do modo de vida atual de algumas comunidades, cada vez mais os jovens estão se distanciando de algumas práticas, sendo elas reservadas apenas para o dia 19 de abril (Dia do Índio), por exemplo.

Então pensei que meu trabalho de conclusão deveria aproveitar a vida na escola para inspirar os mais novos a não

deixar nossa cultura morrer, dando continuidade a uma arte que une o povo e não nos deixa esquecer quem somos e de onde viemos.

No início de 2022 me mudei para a aldeia Águas Belas (BA), da etnia Pataxó, com o objetivo de fazer minha pesquisa de campo para meu percurso, pois a região é cercada de pontos turísticos onde seria possível que as comunidades vendessem seus artesanatos. A aldeia Águas Belas é formada por cerca de cento e treze famílias e sua principal fonte de renda é a agricultura que cultiva a mandioca para fazer farinha, alimento principal dos povos da região. Chegando lá pude perceber que meus parentes utilizavam os artesanatos nos rituais, os tinham presentes na sua vida, mas muitos deles não conheciam como funciona o processo de produção, porque esta é uma prática que está adormecida pelos membros da comunidade.

Observando isso, tive a ideia de apresentar uma proposta de oficina no colégio da aldeia com o intuito de ensinar as práticas culturais de produção do artesanato. Com o apoio de um casal de amigos que conheci no curso FIEI

(professores na escola) e a aprovação da direção, participei de uma semana cultural com os alunos.

Para a Jornada Pedagógica do Colégio da Aldeia Águas Belas me reuni com os professores e decidimos reservar três dias para a oficina de confecção de artesanato. A oficina começou na terceira semana de Março, com início segunda-feira (14) e término na quarta-feira (16). Pelas manhãs da segunda, eu, com o auxílio dos professores de cultura⁷, recebemos os alunos do Ensino Médio e Ensino Fundamental, pela tarde da terça-feira, somente o Ensino Fundamental e pela noite o Ensino Médio junto com o EJA.

Considerando importante semear uma memória que aprende com o artesanato Pataxó a exercitar os olhos para a matemática, elaborei uma oficina com algumas etapas: a exposição de alguns artesanatos (colares, gargantilhas, pulseiras, brincos, cintos, cocar, etc.); a apresentação das

sementes que nós, da aldeia Muã Mimatxi, temos o hábito de usar na confecção (Juerana, tento, pariri, milagre, olho-de-boi, etc.); limpeza e tingimento das sementes que encontrarmos na região; e por fim, o preparo dos artesanatos feitos com as sementes de tento.

Junto dos professores, estabeleci quatro objetivos a serem explorados pela oficina: conhecer as práticas do artesanato Pataxó; realçar a importância do artesanato para a valorização da nossa cultura e identidade; trabalhar a coordenação motora, concentração, agilidade e a tarefa em conjunto; e estimular a criatividade e a imaginação.

Ao longo das atividades registrarei o meu dia-a-dia com os meus parentes na aldeia, tal como relatarei, em um diário de campo, toda minha experiência com os estudantes nos três dias de oficina.

⁷ Condutores da oficina: Estefani, licencianda em Matemática no FIEI/UFMG; Iraty, Professor de Cultura; Sadraque, Professor de Língua Patxohã e professores do Colégio Bom Jesus.

Cronograma da oficina

Períodos Dias	Matutino (Ensino Médio e Fundamental)	Vespertino (Ensino Fundamental)	Noturno (Ensino Médio e EJA)
Segunda-feira (14/03)	Apresentação + Prática	Apresentação + Prática	Apresentação + Prática
Terça-feira (15/03)	Prática	Prática	Prática
Quarta-feira (16/03)	Prática	Prática	Prática

Colégio Estadual Indígena Bom Jesus

A Aldeia Águas Belas pertence ao distrito de Prado, na região de Corumbau (BA) e seu povoado foi formado logo após o “fogo de 51”, quando ocorreu um massacre na aldeia Barra Velha. Por muitos anos não houve uma educação escolar formalizada na aldeia, quer dizer, como não existia nenhum indígena com formação acadêmica na Aldeia Águas Belas, o único acesso à escola era para aqueles que tinham condições de chegar até as comunidades vizinhas, respeitando um acordo realizado com o prefeito daquela época. Fora isso, a partir do ano de 1997, as pessoas com dificuldade de transporte, tinham aulas na igreja da aldeia, com a ajuda de Edileuza, uma mulher que não era professora no papel, mas que sabia ler e escrever.

Inicialmente as aulas na aldeia funcionaram com um sistema multisseriado, e sustentada com muita luta do cacique

João Braz para conseguir financiamento. Após o ano de 2004, a escola foi estadualizada e batizada de “Escola Estadual Indígena Bom Jesus”. No ano seguinte, a escola passou a trabalhar com salas seriadas de Ensino Fundamental I e II, recebendo o Ensino Médio somente em 2009, ainda sem autorização do estado, regularizado em 2010.

Agora, o colégio é mantido pelo Governo do Estado da Bahia, com dezoito professores indígenas, duas zeladoras, duas cozinheiras, um responsável pelo serviço geral e duzentos e sete alunos atendidos da pré-escola até o ensino médio e EJA.

Diário de campo

Desde o planejamento das atividades encontrei alguns desafios. Como o povo da Aldeia Águas Belas não conhece e nem trabalha com sementes de artesanatos, então foi difícil encontrar matérias-primas para a confecção, comprometendo a variedade de sementes. Meu alívio foi perceber que, ao

menos, tinha um pé de tento no terreiro da escola, uma semente que nós da Aldeia Muã Mimatxi estamos acostumados a lidar. Os outros materiais importantes para a oficina (agulhas, linhas e tesouras), conseguimos visitando as lojas específicas na cidade.

Os primeiros artesanatos que aprendemos tradicionalmente são os colares e pulseiras para iniciantes, deixando para o futuro os artesanatos com mais largura, tamanhos e formatos. Por isso, escolhi fazer com os alunos assim como aprendi com minha cultura: começaremos pelo pequeno para depois se tornar grande, inovando e ao mesmo tempo sendo fiel aos artesanatos dos ancestrais.

Tarde de segunda-feira, 07 de março de 2022

Fui ao colégio daqui da aldeia participar da reunião para organizar o cronograma das atividades culturais para o Dia do Índio e da semana da oficina na escola. Nessa semana já comecei a me preparar, comprei linhas, miçangas e agulhas para realizar o trabalho. Aproveitei que estava na escola e, com a ajuda dos homens, catei três sacos de sementes de tento no

pé que faz sombra na frente da escola. Cheguei em casa e eu e meus amigos conseguimos descascar um saco de tento. Seguido disso, estendi as sementes na mesa para não criar morfo e deixei para guardar no próximo dia.

Manhã de terça-feira, 08 de março de 2022

Continuei com o trabalho de descascar e com as sementes de vez da tarde de ontem, resolvi fazer um brinco. O brinco que eu fiz começou com cinco sementes de tento na primeira linha, na segunda linha usei quatro sementes, na terceira linha, três, na quarta, duas e na quinta e última linha, usei uma semente, formando assim um triângulo.

Se quiséssemos fazer um colar de tento com um formato de losango, é preciso usar a criatividade e praticar a forma de contagem, mas o processo seria parecido. Como já expliquei no caso do brinco, chegando na quinta carreira de semente já vamos ter o formato de triângulo, que é a metade de um losango, portanto é suficiente juntarmos mais um triângulo tecido de forma decrescente. Na sexta carreira de semente vamos furar quatro sementes, na sétima fileira, colocaremos

três sementes, na oitava, duas sementes e por fim, na nona fila, vamos usar somente uma semente. Deste jeito teremos um losango, que pode ser usado para compor tanto um brinco quanto um colar.

Domingo, 13 de março de 2022

Na parte da manhã, matei duas galinhas para tirar suas penas e usar elas na produção de penachos de brincos na oficina de artesanato. Na tardezinha de domingo, aproveitei que eu e meus amigos estávamos reunidos para descascar as sementes restantes. Catamos três sacos, mas não rendeu tanto assim, consegui encher apenas dois litros de sementes. Nestes momentos meus amigos me ajudaram muito e foram aprendendo como é cada processo para produzir o artesanato. Fico muito contente em estar compartilhando esses conhecimentos.



Fonte: Acervo da autora

Manhã de Segunda-feira, 14 de março de 2022

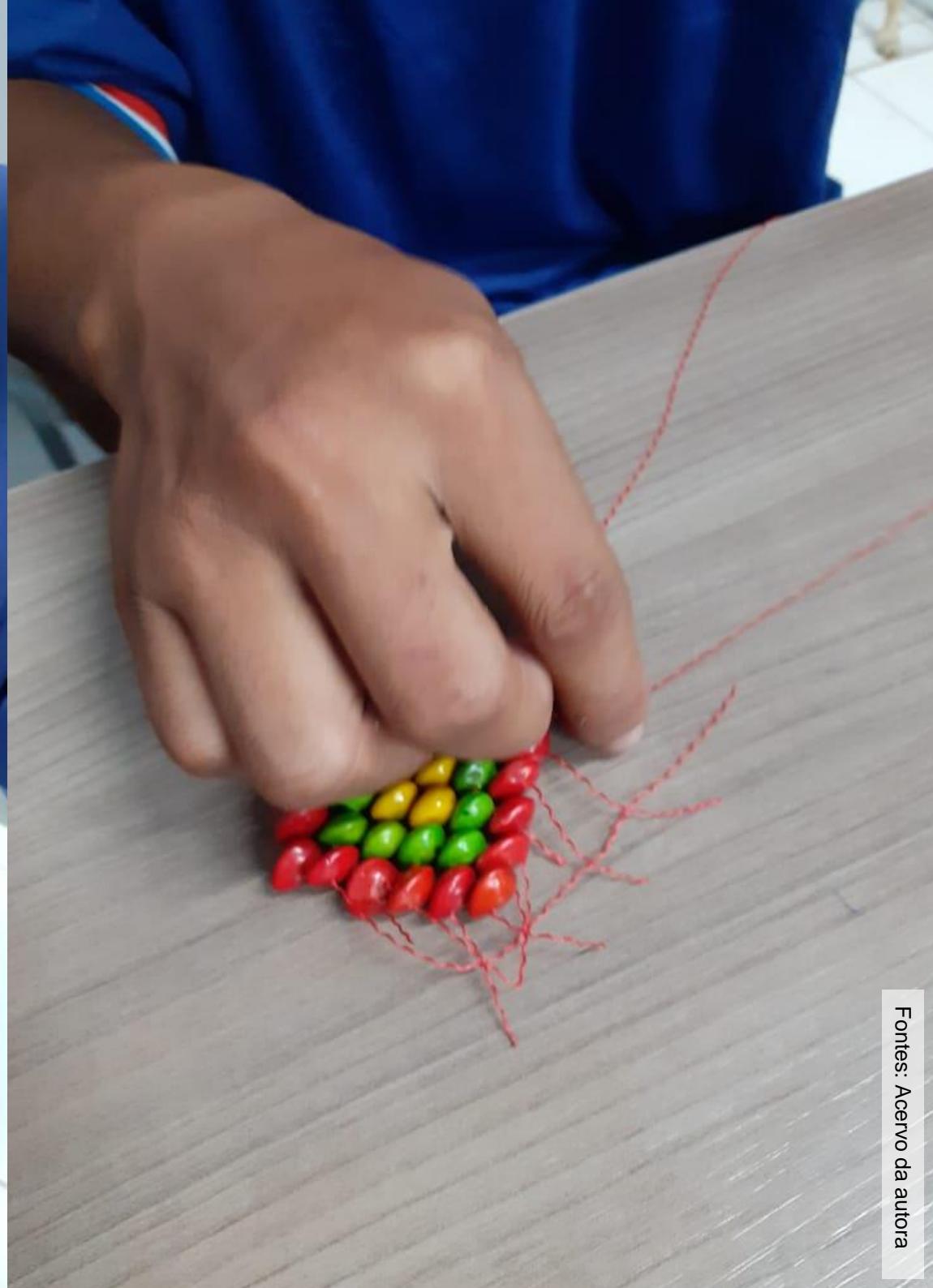
Hoje é um dia muito importante para mim, voltar para o ambiente escolar me faz ter muitas lembranças boas da infância e adolescência. A escola indígena é um lugar onde a gente aprende e ensina, então, estar de volta e como uma das coordenadoras da oficina cultural é uma grande honra para mim.

Cheguei na escola cedo para organizar os slides da apresentação para os alunos e integrantes da oficina que teve início com um Awê (ritual tradicional Pataxó). Logo em seguida fiz a apresentação de algumas fotos dos artesanatos do nosso povo, e falei sobre a importância cultural que ele tem para o fortalecimento da nossa cultura e identidade do povo Pataxó. Trazer o artesanato para dentro da escola através de uma oficina nos possibilitou conversar sobre de onde vem as sementes (tento e de açai) que utilizamos, quais são os valores que elas têm para nossas vidas, os manejos para confecção e a importância dessas aprendizagens para mantermos os conhecimentos ancestrais que nos despertam para viver uma vida sem adiantar o fim do mundo.

Com as fotos, expus as sementes, as penas e os bambus usados na Aldeia Muã Mimatxi. Também expliquei como é feito o processo da preparação dos artesanatos, que as sementes dão de ano em ano, que é preciso saber observar qual o bambu está bom para cortar e fazer o arco, além de ter olhos atentos à dosagem da anilina para tingir as penas e sementes. Todas essas atividades envolvem costumes, crenças, cultura e o conhecimento da nossa etnomatemática. Exige conhecer nossas formas de somar, dividir e multiplicar, de fazer geometria, de realizar um manejo diferente do não-indígena, mas que se aplica muito bem nas nossas atividades, seja na produção do artesanato como também no nosso dia-a-dia.

Expliquei que a maior parte das sementes que tínhamos para oficina era a semente de tento, porque ela é a original da região. Por sua parte, o professor Iraty também contribuiu com algumas sementes e penas para a gente trabalhar juntos. Então, dividimos os materiais para todos e em acompanhamos cada grupo para ensinar passo a passo de como são feitas as pulseiras.





Para o grupinho de meninos, ensinei primeiro como fazer uma pulseira tirando a medida do punho através de uma linha. Depois, enfia a agulha bem no meio da primeira semente, e na segunda, enfia a agulha na lateral da semente. Para chegar ao resultado de uma pulseira de uma linha basta persistir neste processo de união entre meio-lateral-meio-lateral. Para inserir uma segunda linha, os meninos deviam aproveitar o buraco da primeira semente da primeira linha, e ali juntar uma outra semente furada na lateral, por onde seria iniciada a segunda linha. Para ser criada uma terceira linha, ela precisa ser inserida do outro lado da primeira linha de sementes, de maneira que esta primeira linha seja identificada como a linha do meio. Se quisermos uma pulseira de uma só cor, é este o procedimento, mas se quisermos uma pulseira desenhada com a geometria Pataxó, devemos inserir nessas linhas diferentes cores de sementes para que no final a composição tenha uma forma.

No grupinho das meninas ensinei a pulseira de uma linha com uma florzinha de sementes. Iniciamos os procedimentos de uma pulseira com uma linha, e com oito sementes começamos a fazer a flor. Para ligar a linha na flor,

a primeira semente deve estar na posição vertical, enquanto as outras sete sementes são furadas na lateral, ajeitadas em formato redondo e amarradas na posição horizontal.

As meninas aprenderam rápido a fazer a florzinha e quiseram fazer brincos e pulseiras com a mesma figura. Para que isso fosse possível, foi preciso primeiro aprender a fazer um penacho de pena. No penacho, juntei umas seis penas, e com um palitinho fui colocando as penas com cuidado, em harmonia, finalizando com uma que atravessa e amarra as penas. Agora, é só montar os pendões com as sementes. Ensinar a arte do artesanato para as crianças e jovens foi uma manhã muito produtiva, um momento em que aprendizagem e diversão não estiveram separadas, resultando em seus próprios artesanatos que poderão ser usados nos seus rituais.

Tarde de terça-feira, 15 de março de 2022

A oficina desta tarde aconteceu com as crianças do Ensino Fundamental I e Fundamental II. Trabalhar oficina com as crianças está sendo uma atividade muito produtiva e diferente, percebo que oficinas são uma estratégia muito boa

para elas interagirem, pois aprendem a trabalhar em união, a compartilhar, a trocar ensinamentos, a ajudar a tirar dúvidas... Houve um momento em que observei e uma aluna estava ajudando a sua colega com dificuldades a fazer uma florzinha de sementes para construir o seu trabalho. Produzir artesanato é sobre trabalhar em união.

A criança Pataxó aprende brincando, acompanhando seu pai em uma caçada, ajudando a mãe a descascar uma mandioca para fazer farinha, indo na mata com os adultos pegar lenha. Assim, é fundamental que a escola participe de tudo isso estimulando as crianças aprender olhando e escutando os ensinamentos dos mais velhos. Os pequenos são como sementes das árvores que semeamos na terra, se hoje passamos conhecimentos para elas, amanhã serão elas quem estarão ensinando, dando continuidade aos saberes do nosso povo.

Os menores até sabiam o que era a semente de tento, mas não tinham o olhar para utilizá-las no artesanato, logo, acredito que para ensinar as crianças a produzir a arte Pataxó, primeiro é preciso deixar elas conhecer as sementes, brincar com as sementes, explorar as diferenças entre elas, as cores,

e como essas características podem ser usadas com imaginação para construir um colar, um brinco ou uma pulseira.



Fonte: Acervo da autora

Para esta fase da escola ainda não podemos utilizar agulhas, então ensinei a elas passos de como fazer colares, colocando na linha a sementinha de açaí com cuidado. Neste momento, sem que percebessem, estavam exercitando a concentração, sua imaginação e a contagem, pensando em quantas sementes utilizaram e quantas sementes estavam por ser usadas para terminar a sua obra. Praticar a imaginação, mais que uma questão de beleza significa também incentivar os mais novos a se tornarem um jovem e um adulto participativo nas práticas culturais da comunidade, valorizando assim, nossas tradições.

Noite de terça-feira, 15 de março de 2022

Pela noite fui dar início à oficina com os alunos do Ensino Médio e EJA. Aqui, muitos dos alunos conheciam o artesanato, utilizavam no seu dia a dia, compram na mão dos parentes da região, mas não tem o saber de como é que se faz o artesanato. Muitos jovens pensam que artesanato é apenas um artefato, mas o artesanato é mais que isso, o artesanato carrega uma história, um sentimento, saberes e para praticar

essa arte é preciso respeito pela natureza e pela cultura Pataxó.

A oficina com os jovens foi muito produtiva. Apesar da falta de materiais (variedades de sementes) conseguimos produzir colares, brincos e pulseiras. É muito gratificante ver os jovens se envolverem com os nossos costumes, fazendo seus artesanatos com planos de usar em um ritual, de presentear para uma pessoa querida ou de planejar usá-los para renda própria. É isso que o artesanato trás para a vida daqueles que o praticam: conhecimento, disciplina e sabedoria.

Tarde de Quarta-feira, 16 de março de 2022

Hoje de manhã caiu um temporal e a oficina na parte da manhã foi cancelada, a escola não vai funcionar devido a tempestade. Na parte da tarde estiou, e fui para o colégio em mais um dia de oficina com as crianças para, dessa vez, estudar a geometria com as sementes.

A ideia dessa atividade surgiu de uma lembrança na infância, quando participei de uma aula intercultural na Aldeia Muã Mimatxi, em que os professores nos pediram para

criarmos pinturas inspirados no que vemos, convivemos e sentimos dos movimentos da natureza. Naquele dia eu criei a pintura de uma casca de angico, árvore que ensinou a ter habilidade no grafismo Pataxó e me incentivou nas pinturas corporais e de artefatos. Pintar se tornou uma terapia para mim. Quando eu crio pinturas, eu sinto uma paz instaurada pela conexão com meu povo. Então, trazer a arte de fazer pintura para as crianças, tem isso como objetivo, ensinar a enxergar cada detalhe da natureza, mexendo com a sua imaginação e sua maneira de entender a realidade.

Para fazer o desenho de uma pintura Pataxó, eu usei a cola com as sementes de tento, e pedi para as crianças

pintarem a geometria que criei do jeito que elas quisessem, pois, penso que são elas as protagonistas dessa oficina. Os mais novos são a minha inspiração, já que compartilhar a memória dos nossos ancestrais com eles foi um momento de troca de saberes, porque eu não só ensinei, mas aprendi muito com elas, aprendi a compartilhar, a observar e errar para acertar. Espero que nosso encontro tenha feito diferença na vida dessas crianças e que, a partir de hoje, elas tenham noção do quão valioso é o artesanato para a nossa identidade, para o sustento das famílias Pataxó e para o fortalecimento cultural do nosso povo.



O fim de uma pesquisa/oficina

que continua nos artesanatos Pataxó

Primeiramente, quero expressar minha gratidão à toda equipe escolar, a direção, aos motoristas, as zeladoras, pela recepção, dedicação e esforço nos trabalhos realizados no Colégio Indígena Bom Jesus, na aldeia Águas Belas. Minha gratidão, especialmente, aos meus amigos, Uilian e Franciane, que me ajudaram na organização das atividades.

Produzir a oficina cultural de artesanatos no colégio foi gratificante para mim. Eu já fui uma aluna de escola indígena e, se hoje pude estar realizando um trabalho deste tipo, foi porque na juventude tive uma escola que me ensinou a carregar uma história que não é minha, mas é nossa, do coletivo Pataxó. A escola é lugar poderoso para a busca do

conhecimento, seja ele de dentro ou de fora da comunidade, contudo, eu sempre vou reforçar a importância da recuperar os saberes ancestrais, porque conhecer o artesanato Pataxó também é educação, é conhecimento tradicional do povo, que merece seu valor.

Realizar este trabalho de percurso não beneficia somente a minha pesquisa, mas faz prosperar a escola indígena com valores interculturais. Ouvi muito sobre a Aldeia Mãe Barra Velha, estive por muito lugares, como as aldeias Retirinho, Krenak, Águas Belas e Muã Mimatxi, e aprendi sobre uma luta comum, mesmo com as diferenças de cada uma delas.

A educação me permitiu mudar como pessoa e, ao mesmo tempo, não soltar as mãos dos meus familiares. Experimentei outros cantos, outras frutas, outros estilos de vida e hoje retorno para meu povo cheia de coisas novas para contar. Certa de que, deixei sementes pelos caminhos que trilhei, assim como levo para casa outras espécies de brotos.

Na pesquisa de campo, espero ter contribuído com meu respeito aos mais velhos, compartilhando a arte, a cultura e as tradições do meu povo para a juventude, dando continuidade

aos nossos conhecimentos tradicionais. Da mesma maneira, quero que os alunos possam ter tido acesso a uma outra matemática, diferente da matemática tradicional, que nos ajuda a trazer modos de usar a mão cheia, juntar, agrupar e distribuir, sem que isso esteja desassociado das nossas vidas e da natureza.

Fico feliz em ter visto os alunos trabalhando em conjunto com seus coleguinhas, aprendendo a dividir suas sementes com o próximo, a classificar de acordo com as cores e tamanhos, e a desenvolver sua arte de criação.

Concluo que falar sobre as práticas matemáticas do povo Pataxó com a produção dos artesanatos foi e é de suma importância para o fortalecimento cultural do povo Pataxó. Este trabalho teve como objetivo, desde o início, em sementar sementes do conhecimento tradicional ancestral, repassando conhecimento para as futuras gerações. Pra falar sobre as práticas de produção dos artesanatos e os conhecimentos que carrega, é preciso primeiro falar sobre mim, minha jornada na vida, minha família e meu povo Pataxó, porque o artesanato está ligado a tudo. As práticas de produção dos artesanatos

envolve modo de vida do povo, seja em família, na comunidade, trabalhando na terra e na natureza.

Os saberes que adquirimos são passados pelos nossos anciões, que hoje se encantaram, a maioria. Esses saberes envolve formas de matemáticas tradicionais, que são muito utilizadas na produção dos artefatos Pataxó, essas "práticas matemáticas" utilizamos até em nos dias de hoje, na confecção dos artesanatos, usamos formas de medidas tradicionais, formas de contagens e divisões.

Um dos objetivos que alcancei com êxito, foi levar o conhecimento de produção dos artesanatos de sementes Pataxó para dentro do ambiente escolar indígena, onde as crianças e jovens não tinham contato desses saberes tradicionais do seu povo. Produzir a Oficina no Colégio Bom Jesus, com os alunos gerou muito conhecimento compartilhado, transmitir o conhecimento sobre os artesanatos Pataxó para a juventude indígena do Colégio me trouxe esperança, esperança de que nossas futuras gerações vão aprender a falar sobre o artesanato Pataxó e sua importância para identidade e cultura do povo Pataxó.

Para construir esta pesquisa, foi necessário partir para o local de origem do povo Pataxó, a Aldeia Mãe Barra Velha, onde surgiu os primeiros artesanatos, feito com sementes tradicionais dos nossos artefatos sagrados. Essa viagem me propôs pesquisar, conhecer, observar e ouvir, ouvir histórias vividas pelos parentes que vivem da comercialização dos artesanatos e tem paixão pela tradição de produzir o artesanato Pataxó.

Muito não se pode aprofundar nos conhecimentos sagrados que o artesanato carrega. Há muito conhecimento que carrega os Yamixoop (espíritos da natureza), que devemos resguardar. Para finalizar, o artesanato está fortemente presente na vida do povo Pataxó, seja por aqueles que produzem, que utilizam e admiram. Através deste trabalho, registro a memória da história do artesanato na minha vida e na do povo Pataxó. Eu tenho muito orgulho de ser artesã e por onde eu for vou ressaltar e valorizar essa arte tão abundante em conhecimento e história. Histórias que vão ser contadas pelas gerações futuras, dando continuidade a memória do Artesanato Pataxó.

Referências

BRAZ, Txahá Alves. **O saber matemático nas vivências cotidianas da aldeia Muã Mimatxi**. 2018. 136 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

BRAZ, Siwê Alvez. **As matrizes formadoras do currículo da Escola Estadual Indígena Pataxó Muã Mimatxi**. 2021. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil, 2021.

D'MABROSIO, Ubiratan. Programa Etnomatemática: uma síntese. **Acta Scientiae**, v.10, n.1, p. 7-16, 2008.

FIGUEIREDO, Paulo Maia; BRAZ, Siwê Alvez; ROMERO, Roberto. "Ciência da Terra": aprendendo com os tehey em Muã Mimãtxi. **Revista Educação Online**, n. 38, p. 67-88, 2021.

POVO DA ALDEIA MUÃ MIMATXI. **A Pedagogia da Lente do Nosso Olhar e da Mão da Natureza** [coordenação Lúcia Helena Alvarez Leite]. 2013. 56 f. Belo Horizonte: FALE/UFGM: Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literárias, 2013.

SANTOS, Edleuza Alves dos. **Produção de artesanato feito do pati na aldeia indígena Pataxó Coroa Vermelha**. 2017. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

SANTOS, Erilsa Braz dos. **A história da demarcação da terra indígena Barra Velha**. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de) colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.